



Editorial

A revista *Tríade: comunicação, cultura e mídia*, neste número, atende as linhas de pesquisa do Programa Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba - Uniso, além do “Dossiê – *Cultura digital: imagens, narrativas e espaços*”. Portanto, relacionamos o debate preparado em sintonia com o *IX Encontro de Pesquisados em Comunicação e Cultura* da Universidade de Sorocaba, na expectativa de implementar, potencializar e fortalecer as discussões propostas por meio de artigos, resenhas e entrevistas.

Nos artigos, Edyala Yglesias abre este número, apresentando-nos um ensaio que aborda o ato narrativo como ato identitário da personagem feminino-travesti do filme *Tirésia/France-Canada/2003* como objeto de análise, uma espécie de “intercessor” utilizado para reflexão crítica sobre a produção de sentidos, modos de organização e estruturação das narrativas audiovisuais, especialmente como se processa na imagem cinematográfica do eterno feminino. Yglesias apresenta como a mitificação do olhar ocidental se perpetua na formação das identidades Brasileiras.

Um diálogo possível entre Marshall McLuhan e Roland Barthes como os pensadores da força da imagem na sociedade dita do espetáculo é apresentado por Rodrigo Fonatanari. Ambos acreditam que algumas imagens podem provocar nossos sentidos, nos sacudir, ir além do *status* de reflexo imperfeito imposto pelo neo-platonismo nas representações fora da esfera *logos*. Rodrigo aponta que para McLuhan, a televisão restituiu a audição e a visão que a imprensa recuou e que pode ser associado com a revalorização das imagens que podemos encontrar em Barthes na obra “A câmara clara” com o efeito de “medusante” da fotografia.

Monica Martinez traz para reflexão a existência da sombra nos cientistas contemporâneos a partir da análise da reportagem levada ao ar pelo *Fantástico* no dia 20 de outubro de 2013 sobre a invasão por ativistas no Instituto Royal, em São Roque (SP), sugerindo que a imagem idealizada e projetada pela mídia como cientistas seguros de si, articulados e cômicos de sua missão social. Monica afirma que o cientista encontra-se imerso em questionamentos pessoais,



Editorial

profissionais, sociais, éticos e humanitários de acordo com Morin.

As estratégias de inovação no jornalismo nas redes sociais na Copa do Mundo de 2014 são trazidas à baila por Egle Müller Spinelli e Isadora Ortiz de Camargo. Ao analisar as menções apresentadas nas mídias sociais serviram para produzir conteúdos informativos que representam uma ruptura em relação à cobertura jornalística tradicional.

O potencial das interfaces nos processos comunicativos evidencia a produção midiática com informações em recursos interativos é discutido por Carlos Augusto Tavares Junior. O autor acredita que esses recursos são convergentes em meio ao desenvolvimento das transmissões esportivas, do entretenimento permeado pelo jornalismo, das tipicidades do Brasil e a identificação local do Rio de Janeiro, com cidade-sede dos Jogos Olímpicos de 2016.

Já no Dossiê, Carlos Sanchotene examina a desterritorialização do jornalismo no cenário das redes sociais digitais a partir da análise das postagens com conteúdos de notícias locais/regionais, nacionais e internacionais nas *fanpages* de Folha de S.Paulo e Estadão no *Facebook*. Foi analisado pelo ator as editorias mais privilegiadas pelos jornais.

Rafaella Prata Rabello e Christina Ferras Musse exploram o processo de rememoração que é realizado na *fanpage* do *Facebook* “Maria do Resguardo” por meio das fotografias postadas e dos comentários partilhados pelos internautas, é construída uma narrativa sobre a cidade, que transcende o espaço público “real”, criando uma “cidade imaginada”. O trabalho utilizou a Análise de Conteúdo (AC) para identificar as narrativas nas imagens, o registro do monumental ou o do cotidiano, e os comentários sobre as mesmas, informacional, nostálgico ou crítico.

Angie Biondi investiga as mudanças que ocorrem no estatuto da vítima e na forma de enunciação de suas dores com os relatos-postagens compartilhados em rede. Construindo uma posição legítima de fala, anônimos assumem a autoria qualificada das mazelas de suas vidas reais. Relatos de doenças, autorretratos em acidentes e crimes se proliferam nas redes sociais.

Pedro Henrique Baptista Reis explora as múltiplas perspectivas para reconstruir os processos de construção de identidade com a mediação por computador. Nesse sentido, relaciona esse processo de construção e a questão do gênero e do feminismo, para analisar o caso do



Mauro Maia Laruccia; Wilton Garcia

coletivo “Se essa rua fosse nossa”, comunidade iniciada no Facebook que promove a segurança das mulheres nas ruas de da capital do Rio Grande do Sul.

A historiografia digital como objeto empírico e o panorama digital de um momento da história do cinema brasileiro é a materialidade possível no trabalho de Juliano Rodrigues Pimentel. O autor revela que o conjunto de filmes encontrados para exibição livre e de fácil acesso carregam marcas identitárias fortes e representativas do período e afirmam a hipótese de um espaço digital de construção de acervo livre, digital e democrático.

Fernanda Carreira busca a compreensão de o novo fazer publicitário na cibercultura a partir dos conceitos de Michael Argyle da Psicologia Social. Com as práticas interacionais das redes sociais as estratégias publicitárias na contemporaneidade parecem instaurar outra proposta discursiva: a da interação social propriamente dita com seus supostos consumidores.

Por fim, Wagner Souza e Silva apresenta considerações sobre a presença do fotojornalismo no Instagram ao entender a influência de narrativas informativas e entender a o papel da fotografia nesse ambiente. O trabalho analisa a produção jornalística do Brasil, EUA e Portugal.

Agradecemos a todos os que tornaram possível mais este número da revista: autores, colaboradores, Comissão Científica, Comissão Editorial.

Boa leitura!

Mauro Maia Laruccia

Wilton Garcia